

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER
4 de dezembro de 2020

AU REVOIR LES ENFANTS / 1987

(*Adeus Rapazes*)

um filme de Louis Malle

Realização e Argumento: Louis Malle / **Fotografia:** Renato Berta / **Som:** Jean-Claude Laureux / **Montagem:** Emmanuelle Castro / **Cenários:** Willy Holt / **Guarda-Roupa:** Corrinne Jorny / **Cast:** Jeanne Biras, Iris Carrière, Sylvie Meyer / **Música:** "Moment Musical nº 2" de Franz Schubert, "Introdução e Rondó Capriccioso" de Camille Saint-Saëns / **Interpretação:** Gaspard Manesse (Julien), Raphaël Fejtö (Bonnet), Francine Racette (Mme. Quentin), Stanislas Carré de Malberg (François Quentin), Philippe Morier-Genoud (Padre Jean), François Berléand (Padre Michel), François Négre (Joseph), Peter Fritz (Muller).

Produção: Nouvelles Editions de Films S. A., MK2 Productions Marin Karmitz (Paris), Stella GmgH (Munich) / **Director de Produção:** Gérard Molto / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português, 100 minutos / **Estreia em Portugal:** 13 de Janeiro de 1989.

Au Revoir les Enfants assinala o regresso triunfal de Louis Malle a França. Ninguém lhe recusou galardões, a começar na atribuição do Prémio Louis Delluc, passando pelo sucedâneos franceses dos Oscars que são os Césares, a acabar no Leão de Ouro de Veneza de 1987. E também a crítica francesa se associou ao júbilo generalizado, mesmo os Cahiers du Cinéma, que não hesitaram em considerar que a grande surpresa deste filme de um *outsider* na Nouvelle Vague era o seu ar de "*primeira obra realizada por um cineasta experimentado*".

Se, geralmente, unanimismos semelhantes trazem água no bico, estou em crer que o de **Au Revoir les Enfants**, unindo a desavinda família cinematográfica francesa, ultrapassa o âmbito da aliança táctica que poderia ser motivada pela crise do cinema francês (crise de criação e crise de audiência) e que teria no filme de Malle a luz no fim do túnel, pelo quanto em **Au Revoir les Enfants** existe de produção de prestígio e qualidade, recuperando com brio uma narrativa clássica e uma reconstituição de época fiel e minuciosa. Sem falar sequer na oportunidade moral e política com que **Au Revoir les Enfants** retoma algumas das questões que nos anos anteriores à produção do filme ganharam em pertinência na sociedade francesa, tanto por força de acontecimentos políticos circunstanciais (caso da ascensão do ideário de Le Pen e do julgamento do nazi Klaus Barbie), como devido aos debates académicos sobre o holocausto dos judeus na Alemanha de Hitler.

Todos estes elementos, mais ou menos "exteriores", se conjugam na apreciação do filme de Louis Malle, mas seria muito injusto reduzir o seu sucesso apenas a essa convergência de factores, porque **Au Revoir les Enfants** é uma belíssima afirmação de crença no cinema, nas suas convenções de representação da vida, isto é, na sua aptidão para ficcionar

situações e recriar épocas e ambientes. **Au Revoir les Enfants** talvez não invente nada (já vimos noutros filmes a mesma capacidade de acordar evocações, já vimos noutros filmes esta mesma luz fria e monocromática), mas dificilmente alguém recusará que Louis Malle reafirma aqui, com um vigor porventura inesperado, as qualidades que nos fazem estimar o cinema (a alternância entre o mais acabado realismo e as "linhas de fuga" mágicas de algumas sequências a que adiante voltaremos; a solidão de cada olhar - e é no cruzamento dos olhares de duas crianças que **Au Revoir les Enfants** colhe toda a sua força).

Exactamente por isso, a comunidade cinematográfica francesa estimou-o. E deu-lhe o Prémio Louis Delluc. **Au Revoir les Enfants** não foi a estreia de Malle nos prémios Louis Delluc. O cineasta já o recebera, em 1958, com **Ascenseur pour l'Échafaud**, ainda a Nouvelle Vague andava em trabalho de parto (o mesmo se diga do Leão de Veneza que Malle já tinha ganho em 1980, com o mais famoso dos seus cometimentos americanos. **Atlantic City**). O facto de **Au Revoir les Enfants** de Malle ter recebido, ex-aequo com **Soigne ta Droite** de Godard, o prémio Louis Delluc 87 ajuda pouco à clarificação da imagem de um prémio que foi criado para galardoar a originalidade, sem preocupações comerciais e respondendo às consagrações académicas que os outros prémios normalmente propõem. Os filmes de Godard e de Malle não podem, ao mesmo tempo, e vistos segundo igual perspectiva, ser "o melhor filme francês". **Au Revoir les Enfants** é um belíssimo filme esteticamente conservador, na medida em que se propõe utilizar uma linguagem cinematográfica firmemente estabelecida; Malle, nas entrevistas de lançamento do filme sublinhou bem que **Au Revoir les Enfants** era um regresso às suas raízes, era talvez o mais fordiano dos seus filmes e era um filme em que o argumento, de tão vivido e dominado, não levantava ao realizador problemas de escrita cinematográfica que implicassem rupturas ou instabilidade da *mise-en-scène*. **Soigne ta Droite** de Godard é exactamente o contrário: a grande questão do filme, bem como da obra mais recente do realizador, é o próprio estatuto do cinema, da sua escrita, da imagem e do som.

Mas deixemos o paralelo com Godard e voltemos a **Au Revoir les Enfants**. Se viesse de outro cineasta francês seria espantosa a ambição do projecto. Espanta menos vinda do *oncle d'Amérique*, autor de **Pretty Baby**. *Mais, quand même...* Num filme só, Louis Malle propôs-se fazer um filme autobiográfico, um filme de época, um filme histórico, na medida em que, através de um microcosmos, é também a situação da sociedade francesa da Ocupação, com os seus resistentes, colaboracionistas de diversas colorações (dos ultras aos petainistas), que se procura esboçar.

O balanço entre essas duas dimensões radicalmente opostas (o foro íntimo e o grande painel colectivo), surge em **Au Revoir les Enfants** com um equilíbrio irrepreensível. Como muito poucas vezes lhe terá acontecido; Louis Malle move-se com o mais sereno, e também com o mais sincero à vontade no argumento do filme, que se organiza em torno da relação de dois garotos (um católico de uma família da alta burguesia, parcialmente autobiográfico do próprio Malle, o outro judeu, recolhido no colégio pelos padres para escapar às perseguições nazis), enquadrada por componentes sociológicas a que Louis Malle atribui a maior exactidão, comparativamente com a sua experiência pessoal da época. Para evitar equívocos convirá dizer que aquela exactidão sociológica não se limita à ideia estafada de "realismo", mas sim a uma exactidão estilística que Louis Malle deixa entender na seguinte declaração:

*"Para **Au Revoir les Enfants** eu disse a Renato Berta (o director de fotografia): 'Não quero fazer este filme a preto e branco porque isso seria uma facilidade, mas as recordações que eu tenho é a de azuis, cinzentos e pretos'. A época era dura e eu não guardo memória de cores quentes. As crianças andavam de azul marinho, os padres de castanho escuro. A Corinne Jorny que fez o guarda-roupa eu disse; 'Não quero ver um vermelho no filme'. Há uma frieza, uma hostilidade no meio ambiente que são importantes. Tivemos sorte: neste*

inverno, o tempo foi um horror. Tivemos neve e as crianças filmaram cenas no pátio com doze graus negativos em calções curtos".

Por outro lado, e surpreendentemente num filme que nunca perde a já mencionada dimensão colectiva, **Au Revoir les Enfants** é um filme de olhares: irremediavelmente solitário no começo, cruzados numa sociedade cada vez mais cúmplice depois, e cortados com uma violência abrupta no final. Louis Malle explicou essa opção, referindo o quanto ela marcava os limites de relato autobiográfico:

"Pensei sempre que Julien era o centro. Era o seu olhar que nos conduzia. Chega Bonnet que, com toda a evidência, é um personagem intrigante. As reacções dos outros miúdos são sobretudo de honestidade e Julien, a princípio arrogante acaba por se mostrar curioso. O que cria o movimento do filme, é justamente a maneira como eles andam à volta um do outro, porque evidentemente, eles têm pontos comuns: o gosto pela leitura, por exemplo. Por isso acabam por se reconhecer; para além das diferenças sociais, do passado, têm os mesmos interesses por certas coisas, continuando a ser diferentes um do outro. O que me levou de facto a fazer o filme é que, na realidade, nunca tive com Bonnet essa relação e creio que isso me ficou como uma reprovação".

A reprovação é a sombra que prepassa em **Au Revoir...**, remetendo para a galeria das figuras de traidores de Malle (e relembrando **Lacombe Lucien**). Mas, e para acabar do lado do bem, **Au Revoir...** tem no seu interior vários contrapontos mágicos: a procura do tesouro no bosque, a leitura das "Mil e Uma Noites" e a sessão de cinema no colégio. Em todas o olhar é soberano e é catalizador de pristinas emoções, arrumadas no baú da infância. Simples, belas e aterradores como num filme de Chaplin.

Manuel S. Fonseca